

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

SÔNIA RODRIGUES

**LITERATURA PÓS-COLONIAL: UM ESTUDO DE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

DOURADOS – MS

2014

SÔNIA RODRIGUES

**LITERATURA PÓS-COLONIAL: UM ESTUDO DE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras
Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção
do grau Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucília Teodora Villela de Leitgeb
Lourenço

DOURADOS – MS

2014

SÔNIA RODRIGUES

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**LITERATURA PÓS-COLONIAL: UM ESTUDO DE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

APROVADO EM: _____/_____/_____

Prof^a. Dr^a. Lucília Teodora Villela de Leitgeb Lourenço
UEMS/ Dourados

Prof^a. MSc. Adilson Crepalde
UEMS/ Dourados

Prof^a. MSc. Rosana O. Prado dos Santos
UEMS/ Dourados

Dedico à todos aqueles que de certa forma são marginalizados e excluídos pela sociedade e
não tem voz própria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ter iluminado-me nessa caminhada, ao meu esposo Márcio e aos meus filhos que entenderam minhas ausências durante esse período de estudos. Agradeço a toda minha família que esteve ao meu lado em todos os momentos de dificuldades e desânimo. Sou grata a D. Antônia e a Patrícia Pogliese, pessoas que recordo com muito carinho.

Quero agradecer ainda a minha orientadora Professora Dr^a. Lucília T. Villela de Leitgeb Lourenço que despertou-me a paixão pela literatura, e não esquecendo também de agradecer o projeto Rede de Saberes que apoia e auxília os acadêmicos indígenas.

E por fim, agradeço toda a equipe da UEMS, professores e coordenadores que contribuíram dignamente para minha formação acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho apresenta discussões sobre o tema Pós-colonialismo, Literatura de autoria feminina e especialmente a análise do romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, com o objetivo de analisar a condição das personagens como os escravos e o racismo, as mulheres, grupos considerados marginalizados dentro da obra, e como essa narrativa pode ser incluída dentro da literatura Pós-colonial. A obra *Ponciá Vicêncio* (2003) é uma referência para que possamos compreender a Literatura afro-brasileira, além disso, o estudo propicia reflexões centradas na identidade cultural e as questões feministas.

Palavras-chave: Pós-colonialismo. Feminismo. Identidade. Racismo, Conceição Evaristo.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the theme post-colonialism, feminine authorship literature, and in special the analysis of the novel *Ponciá Vicêncio* (2003), by Conceição Evaristo, with the goal of analysing the matter of characters pictures as slaves and racism involved and the women, considereda marginalised groups in the novel and how this narrative can be included in Post-Cold colonial Literature. The novel *Ponciá Vicêncio* (2003) is a reference for the understanding of the Afro-Brazilian literature. The book is also centered on the cultural identity and on feminism.

Keywords: Post-colonialism. Feminism. Identity. Racism, Conceição Evaristo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. CAPÍTULO I – LITERATURA PÓS COLONIAL	08
1.1 Discurso e o poder	08
1.2 A história do pós colonialismo	12
1.3 Colonialismo	13
1.4 Ideologia de sujeito e objeto	14
1.5 A emergência do pós colonialismo	15
1.6 O Cânone literário abordado	15
1.7 A releitura	16
1.8 A reescrita	17
1.9 Diáspora e racismo.....	18
2. CAPÍTULO II – LITERATURA DE AUTORIA FEMININA	22
2.1Literatura de minoria étnica	22
2.2Literatura afro-brasileira	26
3. CAPÍTULO III – PONCIÁ VENANCIO EM ANÁLISE	28
3.1Biografia da Autora	28
3.2 Análise da obra	29
3.3 A questão do feminismo	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Para desenvolver este trabalho e alcançar os objetivos propostos, este foi dividido em três capítulos:

No primeiro momento deste estudo intitulado Literatura Pós-colonial, discorre-se sobre a literatura pós-colonial, a emergência de mais estudos dessa temática, a questão do discurso e poder; história do pós-colonialismo; o colonialismo; a ideologia do sujeito e objeto; o cânone literário questionado; a releitura e a reescrita das obras.

No segundo capítulo, discutiu-se a respeito da Literatura de autoria feminina, em como era a imagem da mulher perante a sociedade patriarcal, e como esta influenciou nas minorias, já que seu papel é de suma importância para compreendermos como essas pessoas marginalizadas se sentiam, ou como eram tratadas na sociedade. Aborda-se também a Literatura de minoria étnica e seu papel na literatura.

O terceiro capítulo foi reservado para a análise da obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, ressaltando as questões feministas e étnico-raciais dentro da obra. Por fim, reflete-se sobre a questão pós-colonial, espaço de igualdade, preconceito e submissão, e como esses aspectos são apresentados na obra, já que os estudos pós-coloniais constituem uma prática social, econômica e cultural de um povo, e como essa resistência tornou-se tão radical, necessitando de respostas mais abrangentes.

CAPÍTULO I – A LITERATURA PÓS-COLONIAL

1.1 O discurso e o poder

O tema pós-colonialismo despertou interesse de inúmeros eruditos entre os quais se destaca Walter Mignolo(2003), pesquisador argentino, professor de literatura e Antropologia e diretor do Centro de Estudos Globais e Humanidades da Universidade de Duke nos Estados Unidos. Em uma de suas obras, intitulada *Histórias/Locais Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos E Pensamento Limiar*(2003), o autor traz argumentos que questionam a naturalidade com a qual aceitamos a ideia de que determinadas teorias produzidas em determinados lugares geohistóricos e línguas (principalmente inglês, francês e alemão, a partir da Europa e dos EUA) são superiores, “avançadas” e possuem um valor universal incontestável. Já em outras teorias, produzidas a partir de línguas e histórias locais subalternizadas, como por exemplo, teorias produzidas na Bolívia, em espanhol ou no Brasil, em português, as línguas são vistas com desconfiança e com “reserva” em relação a uma pretensa universal. Ou seja, para Mignolo, isso implica no poder da diferença colonial que configuram historicamente uma verdadeira geopolítica do conhecimento, onde teorizar, pensar, parece ser privilégio de poucos indivíduos “iluminados” que estão localizados em determinados lugares geohistóricos do globo.

Mignolo (1996) analisa como se constitui esse imaginário ao longo da formação do sistema moderno/colonial. O estudioso aponta que ocorreu uma verdadeira colonização epistemológica pautada no eurocentrismo, o qual está arraigado no seio da modernidade, tanto na filosofia, na literatura, na religião, como também na ciência. Mignolo revela como autores referenciais do pensamento moderno compartilhavam dessa visão preconceituosa, arrogante e prepotente, onde somente determinados homens, a partir de determinados lugares, culturas e línguas, tem o direito ao pensamento, à filosofia, à ciência.

Nessa perspectiva, seu trabalho é de fazer uma genealogia dos processos de subalternização das diferentes formas de saberes, memórias, línguas e histórias locais, suprimidas e silenciadas pela colonialidade do poder no imaginário moderno/colonial.

Mignolo (1996) afirma que o pós-colonial ou pós-colonialismo, tem sido observado por MC-CLINTOCK,1992, SHOHAT,1992, RADHAKRISHNAN,1993 e DIRLIK, 1994, é uma expressão ambígua, às vezes perigosa, outras vezes confusa, e geralmente limitada e inconscientemente empregada. É ambígua quando é usada para referir-se a situações sócio-históricas conectadas com a expressão colonial e a descolonização através do tempo e do espaço. Por exemplo, a Argélia, os Estados Unidos do século XIX e o Brasil do século XIX são todos

categorizados como países pós-coloniais. O perigo surge quando este termo é usado como uma direção “pós” teórica mais na academia, e se torna em fonte principal contra as práticas de oposição para as “pessoas de cor”, “intelectuais do terceiro mundo”, ou “grupos étnicos” na academia. É confuso quando expressões como “hibridização”, “mestiçagem”, “espaço entre meio” e outras expressões equivalentes, se tornam em objeto de reflexão e crítica das teorias pós-coloniais, porque eles sugerem uma descontinuidade entre a configuração colonial de objeto ou tema de estudo e a posição pós-colonial de lugar e da teoria.

Como visto por Mignolo (1996), o termo “pós-colonial” ou “colonialismo” é um termo problemático quando aplicado nas práticas culturais tanto do século XIX, como no século XX (MIGNOLO,1996, p. 8).

Conforme se verifica em Ashcroft (1991), a Literatura pós-colonial é toda a literatura inserida no contexto da cultura e visa ao exame das obras produzidas durante o domínio colonialista europeu, que de alguma forma foram afetadas pelo poder imperial, e estende-se até o momento atual (ASHCROFT *et al.*,1991,p. 2).

Na teoria e crítica pós-colonialista, os textos são interpretados politicamente e baseiam-se nas relações entre discurso e poder. Teóricos importantes analisam essa discussão, dentre os quais se destacam Michael Foucault e Edward Said. Estas questões estão intimamente ligadas, devido ao fato de que o discurso está a serviço da política e deve ser analisado de forma interpretatória. No que se refere ao poder, pode-se dizer que só é mantido graças ao discurso. Quando se estuda o pós-colonial é imprescindível saber o que há por trás do discurso, referente aos textos Pós-colonialistas. Há sempre uma cultura, um povo e uma história, às vezes camuflados pelo poder.

Para Michel Foucault (2009), o discurso está impregnado de história, sendo assim é de suma importância que se compreenda o contexto histórico da época que o texto foi escrito, o modo de viver, a cultura e como a sociedade era composta.

O discurso nunca pode ser analisado separadamente, pois é formulado por indivíduos. O discurso sempre vem introduzido pela fala do outro, definindo-se como uma pluralidade de outros discursos de épocas anteriores.

O discurso é sinônimo do inconsciente, pois mesmo estando no século XXI, nosso discurso está aliado ao discurso de outras épocas, isso requer criticidade, ou melhor, expondo “olhos críticos”, seguimos parâmetros impostos pela sociedade à qual pertencemos.

Para Foucault, devemos relacionar o conhecimento e o poder, e como estes estão inseridos no texto, verificamos isso na seguinte passagem:

Nenhum conhecimento nasce de uma causa única, mas é produto de uma vasta rede de significantes e de poder. Ademais a história e a história das ideias são intimamente ligadas à leitura e produção de textos literários. Esses textos, por sua vez, são a expressão de práticas discursivas determinadas histórica e materialmente (FOUCAULT *apud* BONNICI, 2009, p. 258).

No discurso a fala dos políticos sempre esteve carregada de poder, uma linguagem diferente da dos reis da época medieval, mas ambas com o tom persuasivo. Edward Said (2007) demonstra a possibilidade da desconstrução do discurso, por mais que este esteja carregado de poder pode ser desconstruído. Ele exemplifica mencionando a visão que o Ocidente tinha do Oriente, a sociedade oriental estaria subordinada ao ocidente, ocasionando a dicotomia, uma se opondo em relação à outra.

O teórico Thomas Bonnici (2009) reflete sobre as transformações decorrentes das reflexões de Said e de outros estudiosos sobre a visão ocidental. No livro *Orientalismo*, de Said há o comentário da relação de poder do Oriente com o Ocidente: “[...]A relação entre o Ocidente e Oriente é uma relação de poder, e de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa[...]” (SAID, 2003, p. 32), ou seja, verificamos que uma cultura predomina sobre a outra, a cultura oriental submeteu-se a cultura ocidental. Assim predomina-se o poder ocidental sobre o oriental.

Nesta passagem, Said (2003) faz-se uma distinção entre “civilizados” e “pré-civilizados”, onde os habitantes orientais definem-se ocidentais:

[...] o Oriente não é apenas subjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias européias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastante[...] (SAID, 2003, p. 27-28).

Neste contexto percebemos o surgimento da dominação do “Outro” como um ser diferente e inferior nas comunidades. Trazendo essa questão Said (2003) afirma que:

[...] O Orientalismo nunca está muito longe do que Denys Hay chama “a ideia de Europa”, uma noção coletiva que identifica a “nós” europeus contra todos “aqueles” não europeus, e pode-se argumentar que o principal componente da cultura européia é precisamente o que tornou hegemônica essa cultura, dentro e fora da Europa: a ideia de uma identidade européia superior a todos os povos e culturas não européias [...] (SAID, 2003, p.34)

Para Bonnici,

A teoria de Said (1990), e de outros teóricos pós-colonialistas, quase que simultaneamente adotada pelos adeptos de estudos Afro-Americanos e por Feministas, subverte os pré-supostos de uma subjetividade espúria que sustenta o Ocidente, a unicidade de sua cultura, e de seu ponto de vista (BONNICI, 2009, p. 259).

Ou seja, a tradição está presente nestes textos e a relação entre o colonizador e o colonizado, foi passada de gerações para gerações, como afirma Bhabha:

A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento de, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momento de transformação histórica (BHABHA, 2007, p. 21).

A literatura abre espaço para as questões da diferença em que a palavra hibridismo engloba o aspecto político, racial, linguístico e cultural. O hibridismo foi inicialmente equivalente a uma mera troca cultural, subestimava a desigualdade inerente às relações de poder e enfatizava as políticas de assimilação, através do mascaramento das diferenças culturais, aumentando a diferença cultural. Bhabha(1998) sugere que o sujeito pós-colonial coloque seu ponto de vista contra o outro, mas tendo grande abertura, com o potencial de reverter as estruturas de dominação colonial. O hibridismo intencional de Baktin foi transformado por Bhabha em um movimento ativo de desafio e resistência contra o poder colonial dominante, negando a cultura imperialista e a autoridade conseguida pela violência e a alegação de autenticidade (YOUNG,1995,p.23)

Para Bhabha(1998), da-se os sistemas culturais de “terceiro espaço da enunciação”, um espaço ambivalente e contraditório de onde emerge a identidade cultural. O hibridismo é o lugar onde se realiza a diferença cultural. A cultura pós-colonial localiza a resistência nas práticas contra discursivas subvertendo a ordem imperialista e colonial (ASHCROFT, GRIFFTENS e TIFFIN, 1998).

Ainda no que se refere às praticas discursivas, podemos citar como exemplos as cartas de Américo Vespúcioe Caminha, e relatos de viagem de Hans Staden.

O hibridismo é um fenômeno histórico-social, que se dá através do deslocamento humano, resultando em um contato com novas culturas, um exemplo de lugar híbrido é o Brasil, onde podemos encontrar raças distintas. “Todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, porque quando deixa sua terra, torna-se diferente [...]” (CARDOSO, 2008, p.79).

A literatura é um espaço onde podemos observar claramente a presença do hibridismo, quando por exemplo, um negro deixa de escrever em sua língua materna e opta escrever na língua dos seus colonizadores.

Algumas literaturas se manifestam na heterogeneidade, mas lembrando que ela não é desprovida de outros aspectos que influenciam em sua escrita, havendo assim a homogeneidade, segundo Cardoso (2008):

No contexto dessas afirmações caracterizo como homogêneo um discurso derivado de outros discursos que lhe servem de referência numa sucessão temporal sem início e

fim discerníveis. Esse discurso homogêneo, como resultado da interação entre discursos, antecipa o conceito de transculturação porque, ao guardar a heterogeneidade na homogeneidade, entende-se que os vários discursos que dialogam não tendem a um desaparecimento, mas a transformação permanente[...] (CARDOSO,2008, p.82).

O hibridismo está presente em todas as culturas. Nesse aspecto, o hibridismo se torna mais perceptível quando existem povos totalmente distintos, construindo assim a aculturação.

Para João Batista Cardoso:

O hibridismo é, portanto, mais fecundo quando o contato se dá entre culturas oriundas de espaços mais distantes e, dessa forma, com distinções mais nítidas, porque culturas de desenvolvimento possibilita o enfrentamento, tendem a manter seus traços essenciais, homogeneizando-se numa nova forma de apresentação, mas as culturas que se deslumbram em face de outra, tendem a adotar os elementos dessa outra, quando o hibridismo evolui para a aculturação(CARDOSO, 2008, p.85).

1.2 A História do Pós-Colonialismo

O século XX teve seu início marcado por um quadro triste de povos e nações que sofreram com o colonialismo europeu,milhões de pessoas afrodescendentes, especialmente nos Estados Unidos e na África do Sul. Essa população sofria com a discriminação dos brancos, também lhe eram negados os direitos fundamentais. Mulheres viviam em contexto patriarcale o poder econômico e político estava somente nas mãos dos brancos.

Nos Estados Unidos Surge então o movimento Renascimento do Harlem, criado por artistas e escritores. Foi um movimento cultural a fim de destacar para o resto do mundo a cultura africana, mostrando a diferença em relação ao “outro”. O movimento visava à recusa em continuar aceitando o padrão do branco e cristão da cultura europeia imposta pelo colonizador. Na África nos anos 1930, surgiu o movimento *Négritude* com o mesmo objetivo.

Após a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, surgiram os movimentos conhecidos como Direitos Civis. Movimentos cresceram contra o colonialismo britânico, francês, português, alemão e belga em todos os continentes. Surge a literatura proveniente das nações caribenhas, africanas e asiáticas. Desse modo, o colonizado passaa “impor” a sua cultura e sua literatura na sociedade.Os movimentos do século XIX com movimentos pró-independência favoreceram as culturas que não eram europeias e propiciou o início de literaturas nacionais.

Em relação à literatura nacional, vários escritores ainda adotavam a estética europeia e foi com o surgimento do Movimento Modernista que alguns escritores romperam com essa tradição eurocêntrica.

As literaturas de origem caribenha, africanas e asiáticas, eram escritas por nativos, mas utilizando a língua de seus colonizadores, uma vez que a língua do colonizador havia sido imposta ao colonizado.

Devido ao fato dos colonizados escreverem na língua inglesa, surgiu o problema de como ler esses textos, que tecnicamente não são europeus. A questão pós-colonial parece não se esgotar. Homi Bhabha chama a atenção para um novo tipo de colonialismo “A pós-colonialidade”, que por sua vez é um salutar lembrete das relações neocoloniais remanescente no interior da “nova ordem mundial e da divisão do trabalho multinacional” (BHABHA, 2007, p. 26).

1.3 Colonialismo

O termo colonialismo designa a exploração econômica e cultural durante os últimos quinhentos anos devido à expansão europeia. A história dos coloniais poderia ser classificada como: As colônias Mediterrâneas que se orgulhavam por ser colônia, e não queriam ser governadas pela Metrópole e o colonialismo Pós-Renascimento teve como principal objetivo a exploração, para enriquecer a Metrópole.

Houve uma expansão das colônias europeias dos séculos XV e XVI, já que, as colônias eram fontes de matéria prima que manteriam o poder do colonizador.

Alguns termos surgiram com a hierarquia europeia, dentre eles estão: raça, racismo e preconceito racial. No século XIX com a teoria da evolução e sobrevivência, de Darwin, os colonizadores consideravam os colonizados como naturalmente inferiores.

A metrópole enfatiza em seus textos, que os povos colonizados são degenerados pelo hibridismo racial, ressaltando as características físicas e psíquicas dos nativos, como por exemplo, a preguiça, as danças, as bebidas e a sexualidade. Surgiu assim mais tarde entre os séculos XVIII e XX com os ingleses e franceses as polarizações: “nós- eles” ou “Outro-outro”.

Resumindo, o colonialismo consiste segundo Bonnici (2009) em um pressuposto que o poderoso centro cria a sua periferia. A sociedade foi dividida patriarcalmente em Centro *versus* Periferia, ou em termos pós-coloniais; colonizador e colonizado, o processo segue junto ao centro, enquanto a periferia continua em sua marginalidade em questão aos avanços sociais, políticos e culturais (BONNICI, 2009, p. 169).

1.4 Ideologia de sujeito e objeto

O termo sujeito e objeto caracteriza a opressão, o silenciamento dos colonizados, uma ideologia que foi estabelecida pelos colonizadores. O colonizado é visto como uma “figura” sem cultura, sem moral, sem religião, como se ele fosse desumano.

A palavra subalterna designa o colonizado-objeto, grupo ao qual pertence às pessoas cujas vozes são silenciadas pelo poder do colonizador. É raro encontrar uma literatura que os escravos, os índios, as mulheres, pessoas que são caracterizadas como subalternas, em que elas pudessem escrever o outro lado da moeda e como elas viam esse regime de poder.

A literatura norte-americana conta com algumas representantes ex-escravas que aprenderam a ler com suas patroas e produziram poemas e relatos. A literatura de relatos só vai começar a surgir de fato com a literatura Pós-Colonial.

Spivak (1987) conceitua três visões a partir da relação colonizador e colonizado. A primeira dá-se ao fato de textos, mapas, pinturas feitas pelos europeus sobre o espaço em que ele colonizou. O segundo conceito seria esse passeio do europeu pelo país do colonizado, descrevendo essa terra. A terceira visão, refere-se à degradação do nativo, mostrando apenas o seu lado ruim, como a falta de religião, os seus costumes não condizentes com os do europeu, por exemplo, a nudez dos índios, fato que Caminha também relata em suas cartas.

O subalterno é visto como uma pessoa “muda” sem espaço para garantir sua opinião, Bhabha afirma que, “o subalterno pode falar a voz do nativo, pode ser recuperado através da paródia, da mímica e da cortesia ardisiosa, que ameaçam a autoridade colonial” (BHABHA apud BONNICI, 2009, p. 265).

A voz do oprimido vai ser rebelada aos poucos, em um ato inconsciente, o colonizado apropria-se de formas que façam com que sua voz possa ser ouvida, ele utiliza artifícios citados anteriormente, revela uma ação independente, processo que facilitará a construção da sua identidade.

Spivak em seu artigo intitulado *Pode o subalterno falar?* (1985), conceitua o termo subalterno como “[...] as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no extrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.12).

1.5 A emergência do Pós-Colonialismo

O sentido de emergência consiste no fato de que os marginalizados necessitavam de um “olhar” voltado ao seu ponto de vista. Diante da colonização, a relação entre colonizador e colonizado, sujeito e objeto, como eram considerados dentro dessa sociedade patriarcalista.

Visando aos estudos pós- coloniais voltados à mulher, começamos a perceber a necessidade que esta tinha de mostrar o seu lado, como ela era marginalizada e como era tratada como um objeto de reprodução, era apenas usada para deixar descendentes. A mulher negra era considerada um objeto sexual, inferiorizada pelo colonizador, ou até mesmo pelo seu companheiro. Ana bem descrita no livro *A cor Púrpura*, de Alice Walker, a personagem principal quer ser reconhecida como MULHER, e não apenas como um sujeito indeterminado e sem valores.

Corroborando Bonnici afirma:

Efetivamente, a dupla colonização causou a objetificação da mulher pela problemática da classe e da raça, da repetição de contos de fada europeus e da legislação falocêntrica apoiada por potências ocidentais. Entre outras, a mais eficaz estratégia de descolonização feminina concentra-se no uso da linguagem e da experimentação linguística (BONNICI, 2009, p.267).

Ou seja, foi preciso desmistificar a sociedade patriarcal, para que a mulher pudesse ser inserida na literatura, reivindicando o direito de falar e escrever sobre os seus sentimentos e seu ponto de vista, sendo assim, desestruturando o centro patriarcal.

Para Bonnici (2009), a emergência e o desenvolvimento dessa literatura pós-colonial dependem de fatores importantes, como a progressão na conscientização e a convicção de literaturas diferentes. A segunda etapa envolve textos literários escritos por nativos que receberam a sua educação nas metrópoles, e a terceira etapa envolve textos com grau de diferenciação e uma ruptura com os padrões impostos pela metrópole.

1.6 O cânone literário questionado

O cânone, são obras literárias escolhidas e privilegiadas por grupos dominantes da sociedade, ou seja, são obras com valores estéticos, que seguem um padrão, tendo como características estes autores, um domínio da linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, conhecimento, dicção exuberante. De acordo com Bloom (2001),

O Canône, palavra religiosa em suas origens, tornou-se uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica, ou, como eu faço, por autores que vieram depois e se sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais[...] (BLOOM, 2001, p. 28).

Bloom (2001) aponta o autor Shakespeare como o centro da literatura canônica, destaca-se o fato no seguinte trecho:

[...] E os abridores do Cânone os tradicionalistas não discordam muito sobre onde se achará a supremacia: em Sheakespeare. Ele é o cânone secular, ou mesmo a escritura secular; para fins canônicos, antepassados e herdeiros igualmente são definidos apenas por ele. Este é o dilema que enfrenta os partidários do ressentimento: ou têm de negar a eminência única de Sheakespeare (uma questão penosa e difícil), ou têm de mostrar porque e como a história e a luta de classes produziram exatamente os aspectos de suas peças que geraram essa centralidade no Cânone Ocidental(BLOOM, 2001, p. 32).

A grande questão a ser discutida é: Quais são os documentos, ou obras literárias em que a voz do subalterno é ouvida ou repassada? Como ele relata a sua submissão durante o período colonial?

Essas questões surgiram com os textos literários escritos por mulheres, negros, indígenas, pessoas que foram marginalizadas pela sociedade. O cânone literário estava interessado em obras consideradas excelentes esteticamente, escolhidas pela sociedade da época, com exclusão de outros textos, comprometendo assim o padrão literário.

A formação do cânone literário foi constituído com obras literárias de um determinado período histórico, considerando os propósitos culturais alguns textos foram selecionados por interesse, como nos romances em que José de Alencar descreve os índios, no entanto, nunca ouve-se a voz desses subalternos, mas sim a voz e a visão do Outro.

O cânone literário com o surgimento do pós-colonialismo é colocado em questão. Desde o ensino fundamental até a universidade, os acadêmicos leem apenas obras dessa categoria. Por que apenas esses textos podem ser estudados?

1.7 A releitura

A releitura é de suma importância para compreender os textos literários ou não literários, quando se lê um texto é necessário a interpretação, segundo Said (2009), a releitura é considerada: “arquivo cultural (que é lido) de forma unívoca, mas em contraponto, com a consciência simultânea da história metropolitana que está sendo narrada e daquelas outras histórias contra (e junto com) as quais atua o discurso dominante [...]” (SAID *apud* BONNICI, 2009, p. 270).

Em uma primeira leitura deixamos passar despercebidos elementos que caracterizam a particularidade de um texto, é necessário uma leitura minuciosa em relação ao que está sendo lido. Sendo assim, para BONNICI (2009) “A releitura é a desconstrução das obras dos colonizadores, de nativos a serviço dos colonizadores e de escritores nacionais” (BONNICI, 2009, p.270).

Outro aspecto da releitura é a descolonização, processo que desmistifica o poder colonial, juntamente com a releitura desmascarando a cultura e a sociedade colonial. De acordo com Bonnici (2009), a descolonização é um processo árduo e que está sempre em andamento, não irá acontecer de um dia para outro, haverá sempre desafios em relação a colonização.

O patriarcalismo ou outros aspectos ligados ao colonizador podem muitas vezes estar camuflados em textos. É necessário conhecer as vozes presentes nas obras, principalmente as vozes que são subordinadas, que são transmitidas pela voz do seu colonizador, pois sempre estará presente o discurso dominante.

1.8 A reescrita

A reescrita é muito utilizada na língua inglesa, mas isso não significa que é exclusiva, selecionando um texto escrito pela elite, através de alguns recursos ela produz um novo texto literário. Para Bonnici (2009), “A reescrita tem por finalidade a quebra da ocultação da hegemonia canônica e o questionamento dos vários temas, enfoques, pontos de vista de obra literária em questão, os quais reforçam a mentalidade colonial” (BONNICI,2009,p.271).

Vários textos foram canonizados, os quais são utilizados em interpretações escolares, exames e vestibulares. O objetivo da reescrita é dar um novo enfoque para esses textos. Parafraseando, Bonnici (2009), a reescrita substituirá alguns textos, ocasionando a conscientização acadêmica para que novos textos possam surgir e serem reproduzidos, a hierarquização desses textos será desfeito, portanto. Novos textos, serão construídos a partir de obras consideradas cânones literários.

Uma grande dificuldade na reescrita é a descolonização, pois alguns povos ainda se sentem submissos a cultura colonizadora, temos que concordar com o seguinte trecho escrito por Bonnici (2009):

Embora nesses países a independência nos moldes europeus fosse concedida há tempo, suas populações, de maioria branca, sofrem de uma profunda submissão cultural, sentem-se impotentes diante das propostas de dismantelar os elementos coloniais embutidos em suas instituições e culturas, e tem dificuldades em cortar o liame- mãe filha encrustado em sua identidade(BONNICI,2009,p.273).

Logo, percebe-se que o processo de descolonização é problemático. Um processo árduo que necessita de novos olhares, e uma descolonização da mente para que essas classes minoritárias possam escrever a sua narrativa com seus próprios olhos e sua própria voz.

Já dito anteriormente e concretizando o pensamento, para Bonnici (2009): “A conscientização e pós-colonial que a academia assume são a base da descolonização da mente” (BONNICI, 2009, p.274).

1.9 Diáspora e racismo

A partir do século XV e XVI, surgiu o termo “Raça”, que designa uma humanidade pura, imponente, com capacidade de hierarquia, sendo assim, não se poderia haver misturas. Porém, nos séculos XV e XVI “raça” se tornou uma palavra pejorativa no sentido do termo.

Segundo Bonnici, “O termo “raça” era restrito a um termo literário de classificação, sem nenhuma conotação de características físicas transmitidas por genes. Esse fato, contudo, não dirime a existência de uma prática racista profundamente enraizada na sociedade europeia” (BONNICI, 2009, p. 115).

Nesse contexto o termo deixou de ser usado como caracterizando o físico, e passou a ser utilizado como a descrição da pele de um indivíduo, hierarquizando em categorias os que eram superiores, dos inferiores sendo o primeiro termo aplicado aos europeus, e os inferiores aos negros de origem africana.

Surgiram assim as classes sociais, os colonizadores europeus ricos e de família nobre. “Se no século XVII o africano e o ameríndio estavam no último degrau classista, o trabalhador colonizado havia de ser um africano/afro-descendente ou um ameríndio no contexto dos meios de produções inseridos na extensiva rede comercial” (BONNICI, Thomas. 2009, p. 116).

A denominação da palavra raça estará sempre ligada a uma subespécie, generalizando principalmente os negros, ou geograficamente falando, denomina os países africanos. Segundo MALIK (2009), “A partir do Iluminismo, a razão e a civilização tornavam-se sinônimos à “raça-branca” e a selvageria foram alocados às “raças não-brancas”, geograficamente postas fora da Europa (MALIK *apud* BONNICI, 2009, p.275).

Foi necessário que surgisse uma literatura negra, para desmistificar essa “raça-branca”, contra os seus pressupostos a literatura marginalizada descrevia a dificuldade de convivência, seja ela étnica ou cultural. Os principais termos abordados por esses autores negros são a escravidão, a exclusão, o preconceito que ele sofria pela sociedade, entre outros aspectos, a narrativa é composta de forma distinta. Há uma necessidade de aceitação, e assim, fica nítida a exclusão que ele sente perante a sociedade.

A diáspora caracteriza o deslocamento de populações para uma região diferente, foi através da diáspora que os europeus migraram para outros países, dando início à colonização. Ou seja, segundo Spivak(1996), “Refere-se ao trauma coletivo de um povo que voluntária, ou voluntariamente saiu ou foi banido de sua terra natal, vivendo num lugar estranho, sentindo-se desenraizado de sua cultura e de seu lar” (SPIVAK, 1996, p. 13).

A diáspora constitui um movimento voluntário forçado de pessoas e povos de sua terra natal para novos locais. Trata-se de um fato histórico central do colonialismo, movimento radicalmente diaspórico que levou europeus, em caráter temporário ou permanente, a diversas partes do mundo (BONNICI *et al* 2009, p.251).

A identidade do sujeito que sofreu com a diáspora, está ligada a uma identidade nacional, compostos por indivíduos que são iguais, e ao mesmo tempo distintos. Logo, com a intervenção da diáspora, o hibridismo surge, e compõe um novo cenário na literatura, desse modo,

Começa-se uma cultura que não é repetição da pátria mãe, nem uma adaptação exata da terra local. Tal identidade diaspórica produz positivamente o hibridismo. No caso das populações nativas que não foram deslocadas fisicamente para outras regiões, há um tipo diferente de diáspora (BONNICI, 2009, p.279).

Para Fanon (2008) *Peau noire, masques blanches* oferece uma crítica à negação do racismo, contra o negro na França. A pesquisa foi escrita como sua tese de doutorado em psiquiatria, mas foi recusada pelos membros da comissão julgadora. A publicação foi recebida com misto de indiferença e escândalo. A obra clássica sobre a Diáspora Africana do pensamento psicológico da descolonização da literatura caribenha, época em que o racismo era considerado uma doença peculiar da sociedade anglófona principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. O livro demonstrava como a ideologia que ignorava a cor, podia apoiar o racismo que negava, dando suporte a uma cor específica: o branco. A ideologia reafirmava a inexistência do racismo e recusava-se a examinar a evidência. Muitos pensadores foram afetados pelo seu pensamento e as instituições desenvolveram a dignidade humana, movidos pelos seus estudos e influência.

Fanon (2008) refere-se à alienação colonial como forma específica de exploração capitalista, marca a pele como configuração da sociedade moderna fazendo com que brancos (colonizadores) e negros (colonizados), vivenciem cada qual a seu modo, sendo o negro negado pela humanidade. A sociedade alienada ao colonialismo, que cria a figura do Homem Negro como ruim, o que impede o negro de reconhecer-se como Humano:

“Olhe, um preto!” Era um stimulus externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso.

“Olhe, um preto!” É verdade, eu me divertia.

“Olhe, um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente.

“Mamãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. Eu não aguentava mais, já sabia que existiam lendas, histórias, a história e, sobretudo, a historicidade que Jaspers havia me ensinado. Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea (FANON, 2008,p. 105).

Fanon (2008) ao relatar suas experiências, observa que o branco não abre espaço para o negro que tem sua negritude atacada de forma extremamente hostilizado, reduzido, como se não fosse um Humano. Na postura de médico psiquiatra, Fanon não deixa de enfatizar que a alienação colonial provoca efeitos devastadores na subjetividade do negro, questionando e “destruindo seu ego”.

[...] o negro vive uma ambigüidade extraordinariamente neurótica. Com vinte anos, isto é, no momento em que o inconsciente coletivo é mais ou menos perdido, ou pelo menos difícil de ser mantido no nível consciente, o antilhano percebe que vive no erro. Por quê? Apenas porque, e isso é muito importante, o antilhano se reconheceu como preto, mas, por uma derrapagem ética, percebeu (inconsciente coletivo) que era preto apenas na medida em que era ruim, indolente, malvado, instintivo. Tudo o que se opunha a esse modo de ser preto, era branco. Deve-se ver nisso a origem da negrofobia do antilhano. No inconsciente coletivo, negro = feio, pecado, trevas, imoral. Dito de outra maneira: preto é aquele que é imoral. Se, na minha vida, me comporto como um homem moral, não sou preto. Daí se origina o hábito de se dizer na Martinica, do branco que não presta, que ele tem uma alma de preto. A cor não é nada, nem mesmo a vejo, só reconheço uma coisa, a pureza da minha consciência e a brancura da minha alma. “ Eu- dizia o outro- branco como neve (FANON, 2008, p.162-3).

Fanon (2008) alerta que se o colonialismo reserva ao Negro um complexo de inferioridade, reserva ao Branco de igual maneira, um complexo de superioridade, fazendo com que, cada qual a partir de sua neurose, vivencie a alienação da sua humanidade. A subjetividade do Branco também é neuroticamente marcada pelo racismo, fazendo com que ele transfira ao Negro (ou Outro) aqueles atributos – considerados inferiores ou indesejáveis – próprios de todas as sociedades, mas que a sociedade ocidental quer negar em si própria.

Nesse sentido, o Branco desenvolve uma fobia em relação ao negro. Este “Outro” amaldiçoado e inferiorizado assombra e atrai o imaginário racista com seus atributos exageradamente mistificados e animalizados, como: sensualidade inata da mulata ferosa; o negão super-dotado, entre outros falares do Branco que corresponde ao processo de alienação colonial na sociedade.

Enquanto psicanalista, devo ajudar meu cliente a conscientizar seu inconsciente, a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas sim um agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais. Em outras palavras, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova responsabilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será uma vez

esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p. 95-6).

Ao término do livro, o autor em suas palavras afirma uma necessidade de um novo humanismo amparado na defesa de uma sociedade em que não haja mais *exploração do homem pelo homem* - com uma frase provocadora: “ó meu corpo faça sempre de mim um homem que questiona” (FANON, 2008, p.191).

CAPÍTULO II – LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

2.1 Literatura de minoria étnica

O termo feminismo e suas teorias surgiram no século XX. As mulheres eram marginalizadas perante a sociedade e eram vistas como seres frágeis, submetidas ao poder patriarcal e com pouco amparo legal contra violências. Fávero (2010) argumenta que,

Embora se levando em conta essa distinção conceitual, o compromisso feminista delinea-se como uma crítica da hegemonia do idêntico e da legitimidade dos sentidos absolutos e universais com os processos históricos de construção e representação da categoria “Mulher” (FÁVERO, 2010, p. 92).

Fávero (2010) nos ensina que foi necessário que surgisse esse termo “feminismo” para designar a mulher sistematicamente, ou seja, ela necessitava criar seu espaço na história, e para que compreendessemos foi preciso ir além do que usar apenas um termo consensual e considerar o feminismo como uma das opções mais exemplares e concretas para a prática política e para as estratégias de defesa da cidadania (FÁVERO, 2010, p. 92).

Os anos de 1970 foram de grande importância, pois começou a ser discutida a linha estigmatizada pela sociedade entre a Masculinidade *versus* Feminilidade, desenvolveram-se as críticas sobre o que diferenciava o homem e a mulher,

Portanto, foi a década que preparou o que veio a se constituir na grande crítica às pesquisas da área: a prevalência de uma visão equivocada de que o “homem” e “mulher” seriam categorias naturais e inequívocas, e, portanto, com características, comportamentos e traços próprios e fixos como propriedades estáveis de indivíduos separados e autônomos (FÁVERO, 2010, p. 94).

Não se tratava de apontar e em termos negar as diferenças entre homens e mulheres, mas de conceituar que essas diferenças entre ambos eram sistematizadas do ponto de vista de diretos períodos históricos.

O feminismo no Brasil, começou com a participação das mulheres na luta armada que ocorreu entre os anos de 1960 e 1970, um ato importante e substancial para que as mesmas ganhassem o rótulo de se comportarem como homens, havendo conflito de que o gênero “mulher” não deveria ter características masculinizadas, ou de praticar atos que caracterizam-se como tal. Vale lembrar que durante o período militar, surgiu na política de alianças que englobava o feminismo, as questões de gêneros, os grupos de esquerda e a Igreja Católica todos unidos contra a corrente do regime autoritário (FÁVERO *apud* SARTI, 2010, p. 96).

O direito do voto para as mulheres surgiu em 1932, anteriormente elas cuidavam apenas do lar, sua tarefa era zelar pelos filhos, seu passatempo era ler e bordar, ou seja, aos homens competia ser o administrador e provedor da família, enquanto para as mulheres caberia aceitar as imposições masculinas, assim seguindo um ideal de comportamento ditado pelos valores patriarcais, e deixando qualquer trabalho intelectual para a figura masculina. Portanto, é notório que essas mulheres sofriam diante de uma organização social que se baseava na figura de autoridade masculina centralizadora. As mudanças sociais foram um grande fator para que essas mulheres revertissem essa visão que os homens tinham sobre elas.

Nas últimas décadas tem sido essencial estudar o papel da mulher na literatura, essa vertente começa por volta de 1970, a mulher era descrita como um ser frágil, subalterna ao seu “dono”. Segundo Zolin: “Se as relações entre os sexos se desenvolvem segundo uma orientação política e de poder, também a crítica literária feminista é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social”(ZOLIN, 2009, p.218).

Zolin categoriza a mulher em termos:

1º-Feminino- em oposição ao masculino;

2º-Feminista- como categoria política;

3º-Gênero- trata de uma categoria que implica a diferença sexual e cultural;

4º-Logocentrismo- termo que designa o pensamento canônico;

5º-Falocentrismo- utilizado para designar a lógica predominante no pensamento oriental;

6º-Patriarcalismo- utilizado para representar uma espécie de organização familiar, onde o homem tem o poder sobre a família;

7º-Desconstrução- é utilizado como uma espécie de crítica das oposições hierárquicas;

8º-Alteridade- dialética da identidade;

9º-Mulher-sujeito e mulher-objeto, categorias utilizadas para caracterizar o comportamento feminino.

Esses termos designam a categoria de estudos ao qual a mulher é classificada, isso é de suma importância para entendermos como a mulher é vista na sociedade, pois como sabemos a mulher exercia um papel de objeto sexual de procriação, o contexto social é relevante nesses estudos, sendo assim, seria mais brando analisar o comportamento das mulheres em épocas distintas.

Históricamente, a figura da mulher na literatura surge no exterior, a partir de 1832, com uma onda de mulheres escritoras as quais usavam pseudônimos masculinos para que suas obras pudessem ser comercializadas e lidas, entre essas escritoras mais renomadas podemos citar as irmãs Brontë, na capa de Poemas, lê-se o nome de Currer, Ellis e Acton Bell. Para que seus livros pudessem ser lidos, em uma sociedade machista, as irmãs Charlotte, Emily e Anne Brontë optaram adotar esses pseudônimos.

Outra brilhante escritora que também utilizava pseudônimo é a aclamada Agata Christie, conhecida com o pseudônimo de Mary Westmacott, nome que utilizou para escrever seis romances. Na época, essas escritoras ao utilizarem os pseudônimos, buscavam, ou tinham algo em comum, que era a possibilidade de se expressar melhor através das palavras.

Com o surgimento dessas escritoras, e posteriormente de outras, reverteu-se os valores, as mulheres começaram a refletir qual seria o seu papel na sociedade, o que elas poderiam fazer para conquistar seu espaço, e continuar representando sua força, tanto como “mulher”, quanto como “esposa”, distinguindo este papel, elas passam a serem vistas com outros olhos, ou como se expressa Zolin: “Se no âmbito da lei, as mulheres eram destituídas de poder, no âmbito das práticas sociais e familiares a realidade era outra. [...] Nesse sentido, a oposição erigida contra tal ideologia era impelida por, pelo menos, duas razões: uma referente a valores ideológicos, outra a necessidade de sobrevivência (ZOLIN, 2009, p. 221).

Quanto aos escritores que produziram sobre as mulheres, muitas de suas obras foram questionadas devido ao fato do escritor ser do sexo masculino e não saber de fato o que as mulheres sentem e pensam. Um grande romance intitulado *Iracema*, do escritor José de Alencar é um grande exemplo, como *Iracema é Mulher*, e indígena, conseqüentemente temos uma visão diferente à do escritor. Se fosse uma mulher escrevendo o mesmo romance, provavelmente a história seria completamente diferente.

Em 1949, no livro *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir pontuou que a masculinidade é atendida como norma – como algo neutro e universal. Não ocorreria aos homens escrever um livro sobre a situação ou ponto de vista, precisamente porque tal ponto de vista é, por princípio, assumido como a perspectiva universal. Corroborando com a fala Chanter diz:

“Por contraste, ocorre às mulheres escrever sobre sua situação por causa da relação assimétrica entre os sexos. A mulher é, como sugeriu Beauvoir de modo já bem sabido, a Outra, a não essencial, ao passo que o homem é o absoluto, o sujeito, o essencial” (CHANTER, 2011, p.16).

Nascemos em um mundo onde o patriarcalismo era absoluto, e até para alguns homens ainda continua sendo, acreditam que seu dever é trabalhar, enquanto o da sua esposa é somente cuidar da casa e dos filhos, sendo totalmente dependente e submissa a ele.

É recorrente na história e na literatura a mulher ser submissa. As escravas deveriam obedecer seus donos e saciar seus desejos sexuais, representando-se apenas como um objeto de prazer, outras eram direcionadas para afazeres domésticos. A condição de submissão das mulheres aos seus maridos é muito bem retratada em novelas de época, onde podemos verificar a limitação das mulheres que não podiam sair desacompanhadas e também suas vestes tinham de ser o mais discreto possível.

Visando a escrita feminina e o termo pós-colonialismo, poderíamos dizer que há uma interatividade, pois como foi dito anteriormente, em passagens anteriores, a mulher é um sujeito

pós-colonial, e deve ser estudada como tal, pois é considerada nesse estudo como submissa, e caracterizada como marginalizada pelos homens.

Nas últimas décadas tem sido essencial estudar o papel da mulher na literatura, essa vertente começa por volta de 1970, onde a mulher era descrita como um ser frágil, subalterna ao seu “dono”. Segundo Zolin: “Se as relações entre os sexos se desenvolvem segundo uma orientação política e de poder, também a crítica literária feminista é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social” (ZOLIN, 2009, p. 218).

O feminismo assim como o pós-colonialismo são termos recentes empregados para designar um dado momento na história, a luta pelos direitos das mulheres, e a luta dos negros pela sua identidade e direitos. “O discurso e as teorias pós-coloniais tiveram não apenas uma grande repercussão sobre a reflexão literária do cânone europeu, mas influenciaram o discurso feminista que, por si só, não estava relacionado ao pós-colonialismo” (BONNICI, 2012, p.175).

Um dos objetivos do pós-colonialismo é reconhecer a mulher marginalizada perante a sociedade, desafiando o patriarcalismo e as tradições que foram repassadas da figura da Mulher Subalterna, foi necessário desestabilizar essa cultura, e construir uma nova imagem da Mulher Independente, forte e capacitada para escrever sua própria história.

Bonnici (2012) discorre sobre as divergências de opinião entre Julia Kristeva e Gayatri Spivak. A primeira afirma que as rupturas modernas são congruentes com a causa feminina. Spivak (1985) discorda e diz que a ruptura do significado por si mesma não promove o futuro feminista nem escapa do determinismo histórico do sexismo (BONNICI, 2012, p.177), ou seja, é necessário muito mais do que levantar uma causa, é preciso moldar e “mudar”.

De acordo com o pensamento de Bonnici (2012), é de suma importância para a teoria feminista o desconstrutivismo e o político, resultando na emancipação e igualdade da mulher. Porém, acima de tudo é essencial que a mulher se conscientize que ela tem poder na sociedade, um fato interessante a ser citado é as mulheres da Índia. Existem diversas políticas para proteger essas mulheres indianas que sofrem abusos sexuais, estamos no século XXI, mas será possível intervir na cultura deles?

Uma seção de fotos com as deusas indianas, nas imagens seus rostos sofriam com o abuso do patriarcado, o que eles queriam mostrar é que até as deusas, sendo mulheres sofriam, uma grande identidade para eles é Durga, uma deusa poderosa, que derrotou demônios, nos ensaios fotográficos a mesma deusa estava com o rosto todo machucado. Ainda no sentido de submissão, elas não podem votar e são privadas principalmente do estudo, seria prescindível implantar uma nova política em que os direitos da mulher fossem revisados. “Essa hierarquia

de valores não é unânime. Envolve princípios de educação e conscientização” (BONNICI, 2012, p. 178).

Conscientização e descolonização são palavras chave para que a mulher desmestifique essa construção de uma figura ingênua, subalterna. A cultura é a herança, mas pode ser moldada, não é preciso que violem os seus preceitos, e sua organização visando aqui as mulheres africanas que ainda são escravizadas de um jeito ou de outro. Bonnici (2012) defende a ideia de que uma estratégia da libertação feminina nos países pós-coloniais parece ser a descolonização da cultura (BONNICI, 2012, p.180).

Após a discussão sobre o feminismo e a literatura produzida por mulheres, discorreremos a seguir sobre um breve conceito da Literatura Afro-Brasileira.

2.2 Literatura afro-brasileira

A literatura afro-brasileira é descrita por inúmeros estudiosos. Apresentamos o pensamento de Octávio Ianni:

[...] um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para o outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo (IANNI, 2006, p. 200).

Seguindo essa linha de pensamento, a literatura Afro-brasileira é um conceito em construção, processo e devir. Além de segmento ou linhagem, é componente de amplo encadeamento discursivo. Ao mesmo tempo dentro e fora da literatura brasileira. Constitui-se a partir de textos que apresentam temas, autores, linguagens mas, sobretudo, um ponto de vista culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. Sua presença implica redirecionamentos recepcionais e suplementos de sentido à história literária canônica.

A literatura Afro-brasileira, ou literatura Negra possui vários sentidos, pode ser referente ao estilo literário, produção artística, classificação de uma obra, mais necessariamente assume as questões relativas à cultura, em relação ao Brasil, deveria-se levar em conta a cultura brasileira e não apenas a cultura negra, pois estamos falando de um grupo, uma sociedade não distinguindo uma “raça” por assim dizer.

Alguns escritores negros preferem não utilizar “literatura negra”, “escrito negro” outros não fazem interferências ao utilizar ou se caracterizar com esses termos, ou utilizar palavras como moreno, mestiço, afrodescendente. Para Souza e Lima (2006), essa nomenclatura tem

sido combatida por muitos afrodescendentes, já que, a produção artística não precisa estar atrelada ao pertencimento étnico-racial do seu autor (SOUZA e LIMA, 2006, p. 35).

Por fim, a literatura Afro-brasileira designam-se as formas literárias produzidas no Brasil, por autores afrodescendentes. Tais textos preocupam-se em resgatar a história de seu povo, muita dessas obras retratam temas como a escravidão, a degradação do negro, a exclusão, entre outros aspectos. Dessa forma, torna-se claro que a literatura afro-brasileira nos reflete a busca, em resgatar a identidade negra no Brasil.

CAPÍTULO III- PONCIÁ VICÊNCIO EM ANÁLISE

3.1 *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo

Neste capítulo realiza-se a análise do romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. Ressalta-se nesta investigação as questões relacionadas ao feminismo e ao racismo.

Levando em conta que a obra escolhida nesse trabalho não é de grande conhecimento pelo público, para complementar nosso estudo, ressalta-se ainda um breve comentário sobre a autora.

Maria da Conceição Evaristo nasceu em 1946, na cidade de Belo Horizonte. Aos oito anos de idade já trabalhava junto de sua mãe como lavadeira, apanhando e entregando trouxas de roupas por um longo período de sua vida, no inclusive essa fase do seu cotidiano é retratado em alguns de seus poemas como em *Vozes-Mulheres*.

A origem de sua escrita está no acúmulo de histórias que ela ouvia, e vivenciava na sua infância, são registros de um cotidiano, que mais tarde se transformam em matérias de seus discursos literários. A trajetória de Conceição Evaristo para adquirir conhecimento formal, ampliar e dominar a palavra não foram nada fácil.

Ao concluir o primário, em 1958, Evaristo ganhou o seu primeiro prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação com o tema: *Por que me orgulho de ser brasileira?*

Posteriormente fez um curso Ginásial, nesse intervalo participou de discussões relativas a realidade e formou-se em Letras. As questões étnicas surgem em seus estudos, somente na década de 70.

Em 1993, a autora inicia o curso de Mestrado em Literatura brasileira na PUC/RJ, onde defendeu a dissertação: *Literatura Negra: uma poética da nossa brasilidade* (1996), e em 2011 conclui seu doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal Fluminense UFF, onde seu objeto de tese foi a Literatura Afro-Brasileira em confronto com a Literatura Africana de Língua Portuguesa.

Sua obra é composta por romances, poemas na coletânea *Cadernos Negros* desde 1990. Sua primeiro poema escrito foi “ *Vozes-Mulheres*”. Dentre sua bibliografia está o romance *Ponciá Vicêncio* como o primeiro romance publicado em 2003 e *Becos da Memória* de 2006. Recentemente *Ponciá Vicêncio* foi traduzido para o inglês.

3.2 Análise da obra

Com relação ao racismo destacam-se trechos do texto em que a subalternidade da raça negra é demonstrada com propósito de denunciar, através da literatura, a ignomia imposta na população colonial, como verifica-se nos trecho abaixo:

Ponciá lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. [...] Filho de ex-escravos, crescia na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha obrigação

de brincar com ele. Era cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas (EVARISTO, 2003, p.17).

Nesse trecho, podemos observar que o pai de Ponciá, mesmo sendo filho de “ex-escravo” carregava consigo a obrigação de escravo, com isso repetindo a mesma história do pai. Também se percebem mais absurdas das humilhações que os escravos sofriam, ou seja, ele era totalmente inferiorizado, deixando claro a subalternidade, seguia-se uma linhagem filh(o/a)s de ex-escravos continuariam sendo escravos, a figura do cavalo, deixa explícito quem é dono de quem, pois o mesmo subia em cima do escravo, mostrando-lhe qual era seu papel, e como deveria servir, sobre o comando do branco.

Pagem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber (EVARISTO, 2003, p.18).

Aqui observamos que ao expressar a palavra “nada do sinhô-moço”, deixa subentendido que o escravo pertencia ao coronelzinho, também indica que o escravo era tudo e nada ao mesmo tempo, tinha sua vida dedicada em satisfazer aos desejos do coronelzinho, além disso, a palavra “nada” dentro deste contexto indica que o escravo não pertencia totalmente, pois, seu corpo poderia ser escravizado, mas sua mente jamais. E quando o mesmo aprende a ler, tão desnecessário se torna que acaba sendo incompleto, pois de que adiantaria ele saber ler se nunca poderia manejar tal ferramenta? Esse saber não se desenvolveria jamais. Esse processo de submissão mostra que seu saber não teria serventia diante de sua condição de trabalho “escravo”, ou seja, negros não podiam pensar, e jamais saberiam como usar as palavras em seu favor.

Identidade no texto:

O homem de Ponciá acabava de chegar em casa e viu amulher distraída na janela. Olhou para ela com ódio. [...] Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele [...] Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantado, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada (EVARISTO, 2003, p. 19-20).

Nestretrecho percebemos a necessidade da aceitação, a busca pela identidade, pela localização e aceitação na sociedade. A personagem é vista como uma “figura”, como citado no item 1.4, o colonizado é uma pessoa sem cultura, sem moral. Diante disso, qual seria a necessidade dela em aceitar-se, de ser vista como uma pessoa de vontades e desejos.

Diante dessa situação ela pede ao homem que não a chame mais de Ponciá Vicêncio, já que, o nome é um substantivo próprio, e nem o nome pertencia a ela, pois como pode um negro ter algo próprio?

O nome designa e completa o ser humano, que necessidade ela teria, de algo que fosse só dela, sendo que até as suas vontades eram pertencentes ao seu dono, então ela pede que ele a chame de nada, pois ela não tinha valor, e não precisava de nada que a denominasse, ou a caracterizasse como um ser humano, já que, todos os “objetos” possuem um nome “próprio”, mas jamais um negro poderá possuí-lo.

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. [...] O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá era para ela um nome que não tinha dono (EVARISTO, 2003, p. 29).

A identidade de uma criança é de importante para o desenvolvimento e a aceitação em uma sociedade. Escolhido com sabedoria pela autora Ponciá é um nome nítido e forte. Esse acento agudo intensifica o valor do nome. Ponciá é uma variante do nome Poncio, de origem grega, designa uma pessoa forte e intuitiva, sempre envolvida com os seus pensamentos, passa a impressão de uma pessoa solitária, séria, não aceita intimidades, muito reservada. Esta postura tende à isolá-la do mundo.

Através dessa definição, percebemos como um nome pode ter tantos significados e caracterizar uma pessoa. O nome Ponciá descreve perfeitamente a personagem que não se aceita e não se enquadra nos padrões que lhe são impostos, mas para ela seu nome não tinha sentido e nem dono, todos deixam marcas com seus feitos na terra, mas o nome dela servia para que?

Mas admitimos que o nome Ponciá Vicêncio, deixou uma grande marca na Literatura Afro-descendente. Uma personagem forte, que questionava o seu lugar na sociedade, com toda certeza o nome Ponciá, escolhido por Evaristo para designar a personagem, deixou grandes marcas na história da Literatura Pós-colonial. O sobrenome Vicêncio foi herança deixada pelo antigo dono das terras e dos escravos, e passou de pai para filho através do nome, e é

rememorado cada vez que pronunciado por Ponciá. Essa ausência de nome representa para Ponciá uma procura de identidade. Nessa perspectiva Hall afirma que:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p.12-13).

A personagem Ponciá reflete sobre as consequências da escravidão mesmo depois da alforria: a herança do sobrenome do proprietário rural. Os negros ganharam terras e, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Tiveram de levantar moradia e plantar para seu sustento. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. “Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um deus”(EVARISTO, 2003, p. 48).

Diante desse trecho reflete-se o quanto os coronéis eram audaciosos, mesquinhos e sábios. Sabiam manipular seus escravos sem que estes percebam que a pior liberdade é aquela que te acorrenta sem as amarras, ilusório o ato de se acharem alforriados, ao contrário, continuaram trabalhando para seu dono em “troca” de uma moradia e alimento.

“Para alguns, coronel Vicêncio parecia um deus”, isso se aplica ao famoso ditado ‘lobo em pele de cordeiro’, ao dar aos seus escravos terras e alimento, isentava-se de pagar pelo trabalho dos seus escravos, e assim poderia ter um lucro maior.

Libertação era uma máscara camuflada em bondade, eles nunca teriam liberdade enquanto morassem no mesmo teto que o seu dono, o ato de liberdade seria livrá-los de suas amarras, uma liberdade enganatória, liberdade é a condição de pessoas que não são escravos.

Uma definição simplória, mas que define muito bem o conceito liberdade é o estado de pessoa livre e isenta de restrição externa ou coação física, moral, condição do ser que não vive em cativeiro.

3.3A questão do feminismo

Ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta (EVARISTO, 2006. p.20).

Desde os tempos mais remotos as mulheres eram tratadas por seus companheiros com certa brutalidade, percebemos nas ilustrações dos livros de histórias, as mulheres sendo puxadas

pelo cabelo e carregadas por seus parceiros, nessa passagem observa-se o quanto Ponciá era rudemente tratada pelo seu companheiro. Pensava às vezes em virar homem e que esta seria a melhor saída para sua situação.

Atualmente o quadro em que as mulheres se encontram não é muito diferente da época de nossos avós e antepassados. Segundo a Mídia, a central de atendimento à mulher atingiu mais de 500 mil registros em 2013, de violência contra as mulheres. Os registros indicam que a violência física representa 54% dos casos relatados, 30% foi constatado que a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos no Brasil.

As mulheres negras são vítimas em maioria, 60% dos assassinatos são de mulheres negras no país. E, esses assassinatos estão muitas vezes ligados a cor da pele. A OEA (Organização dos Estados Americanos) estabelece que a violência contra a mulher é “qualquer ato ou conduta baseado no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico, tanto na esfera pública como na esfera privada.”

Ponciá é mais uma mulher que sofre com a distinção de gênero e com a cor da pele. Ao longo da narrativa podemos verificar que por várias vezes Ponciá é agredida verbalmente e fisicamente por seu companheiro.

Em algumas passagens Ponciá desejava passar pelo arco-íris, isto porque acreditava-se que ele seja uma fonte de magia, e que se você estiver perto o bastante pode fazer um pedido. É o desejo de Ponciá era tornar-se homem, ela acreditava que se o fosse a vida se tornaria um pouco menos difícil, mais suportável. A seguinte passagem demonstra o dilema entre ser uma mulher e as vantagens de ser homem, concluindo que nenhum dos dois sai beneficiado: “[...] Às vezes, ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem? [...] E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conheceu, a vida era tão difícil quanto para a mulher” (EVARISTO, 2003, p. 55).

[...] Às vezes, ela percebia nele um vislumbre de tristeza. Tinha vontade então de abrir o peito, de soltar a fala, mas o homem era tão bruto, tão calado. Nem quando ela o conheceu, nem quando ela e ele se amavam ainda, Ponciá conseguiu abrir para ele algo além do seu corpo-pernas. Às vezes, tentava mas ele sempre calado, silencioso, morno. Muitas vezes nem o prazer era repartido (EVARISTO, 2003, p. 44).

[...] Depois dos sete, ela nunca mais engravidou. O homem de Ponciá Vicêncio se mostrava também acabrunhado com a perda dos meninos. A cada gravidez sem sucesso, ele bebia por longo tempo e evitava o contato com ela. Depois voltava, dizendo que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem. Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançada de ver se salvar o filho (Idem. p. 53).

Ponciá além de seu papel de mulher e negra, ainda sofria com o desprezo do companheiro, por não poder lhe dar filhos. Uma mulher que não concebesse em seu ventre uma

vida, não tinha serventia para a sociedade. O ato sexual não era prazeroso, ela apenas abria as pernas e torcia para que daquela vez o filho vingasse. Em relação à essa questão Colling afirma que:

O ideal masculino da mulher, a maternidade, era vista como o único caminho da sanidade feminina. Aquela que não quisesse ou não pudesse realizá-la não teria outro fim senão a insanidade mental. A velha concepção da “matriz” tomando conta do intelecto feminino. A maternidade também aparecia como a saída contra o prazer sexual feminino, considerando anormal, pois entendia-se que o instinto materno anulava o o instinto sexual. Até há pouco tempo, a sociedade intitulava maldosamente de ‘seca por dentro’ a mulher que não tinha filhos (COLLING, 2014, p. 93).

Na cultura Japonesa, as meninas que nasciam não tinham serventia para a sociedade, sendo assim, eram privadas de nome, apenas eram chamadas por números, filha um, filha dois, filha três, etc. Só recebiam nome quando elas se casavam e o noivo escolhia-o.

Tal era a vontade do esposo de Ponciá ter um filho menino, que se tornou obsessiva a vontade de procriar. Ponciá já tinha uma vida desgraçada, e ainda não conseguia ser mãe, por quem seria lembrada, pois não deixaria nenhum descendente, sua vida havia sido inútil, foi colocada ao mundo para sofrer, e para lembrar que além de ser uma mulher negra, escrava, jamais teria filhos. A violência é retratada cruamente:

As ausências, além de mais constantes, deixavam Ponciá durante muito tempo fora de si. [...] Houve época em que ele bateu, esbofetou, gritou... Às vezes, não. Um dia quando ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga [...] precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puchava-lhe os cabelos. Ela não tinha um ato de defesa. Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado (EVARISTO, 2003, p. 96).

Ao contrario de Ponciá, a personagem Moça Bilisa é uma mulher liberada que encontra prazer em sua própria sexualidade:

Moça Bilisa se sabia ardente, deitaria algumas vezes com os companheiros de roça e alguns saíam mais e mais desejosos do encontro com ela. Um dia, um homem enciumado chamou Bilisa de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu gosto. Puta é esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. E, agora, novamente era chamada de puta pela patroa, só porque contou de repente que o rapaz dormia com ela [...] (EVERISTO, 2003, p.98-99).

Esta passagem nos remete a ideia de que a mulher negra era usada como objeto de prazer, é interessante notar o fato de Bilisa se aceitar como puta, e se sentir prazer é ser puta, então puta ela seria, é sabido que originalmente a palavra puta era utilizada para designar mulheres que não tomavam banho, e que não gostavam de se arrumar.

Bilisa então sobre esse aspecto não era puta, ela apenas gostava de satisfazer seus desejos, foi uma opção que ela escolhera, em se deitar com vários homens, inclusive com o filho da patroa.

[...] Não se admite que ela possa, como homem, assumir seus desejos: ela é a presa. Está bem entendido que o homem integrou as forças específicas em sua individualidade: ao passo que a mulher é escrava da espécie[...] (BEAUVOIR, 1980, p.459).

Beauvoir (1980) descreve claramente a posição do homem, em que a mulher não poderia sentir desejo, apenas o homem em um processo de individualidade, este comportamento é explícito quando: “um dia, um homem ensinuando chamou Bilisa de preta”, isso se faz porque ele queria que o prazer, e a escrava, fossem inteiramente dele.

Conceição Evaristo traz em sua narrativa as marcas deixadas ao longo da história brasileira, onde o homem fez da mulher negra meras mercadorias de exploração e humilhação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da reflexão sobre os estudos pós-coloniais no primeiro momento, partimos para as reflexões sobre o feminismo e chegou-se à análise de *Ponciá Vicêncio* (2003).

Após um levantamento histórico, situando o contexto, a cultura e a hierarquia da época escravocata, comentamos com embasamento teórico de vários autores o quanto o pós-colonialismo é essencial para que se possa compreender um livro, principalmente a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, sendo sua escritora mulher e afrodescendente.

Situamos o papel da mulher escrava, submissa, na época em que o patriarcalismo era quem compunha a sociedade.

Dentro da obra analisou-se a forma com que os negros eram hostilizados, condenados a viver às margens de uma sociedade alienada ao colonialismo, deixando claro a complexidade da relação entre colonizador *versus* colonizado. A condição da mulher negra, seu papel estigmatizado na sociedade, como a própria autora Evaristo (2003) conceitua: “A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito” (EVARISTO, 2003, p. 47).

O prefácio do texto evaristiano descreve com riqueza de detalhes a composição da ficção que mescla questões raciais e sociais. A “herança” dos sobrenomes herdados dos proprietários, pois até mesmo o sobrenome “Vicêncio” era resquício da escravidão: aquele sobrenome era uma “lâmina afiada a torturar-lhe o corpo”, já que, havia na assinatura dela (Ponciá) a marca do podeiro do Coronel Vicêncio, “dono de seus bisavós.”

Embora a escravidão tenha sido abolida há mais de cem anos Evaristo trás à baila a exploração ainda existente nos rincões deste país, além das realidades dolorosas como o analfabetismo, a indiferença dos religiosos para com os pobres, a existência dos senhores rurais, a pobreza dos bairros modestos.

O trabalho escravo infelizmente ainda existe e tem sido matéria da mídia. O mérito de Evaristo é a imortalização deste sofrimento sem fim, um registro para que não se olvide esta chaga da história nacional, que foi a escravização de seres humanos por outros.

A figura da mulher é enaltecida e a criatividade como fonte geradora de mudanças sociais. O sucesso da mãe de Ponciá é o desejo de uma grande mudança neste país representado por um pequeno vilarejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: Um Bildungsroman Feminino e Negro*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/conceicaocritica02.pdf>. Acesso em: set. 2014, às 14h.

ASHCROFT, B; GRIFFTS, G; TIFFIN, H. *The Empires fights back: theory and practice in post-colonial literatures*. London: Routledge, 1991.

BEAUVOIR, de Simone. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BHABHA, Homí.K. *O local da cultura*. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a Literatura*. Estratégias de Leitura 2ª ed.- Maringá: Eduem, 2012. p. 377.

_____. *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental: Os Livros e a Escola do Tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

COLLING, Ana Maria. *Tempos Diferentes, Discursos Iguais: a construção histórica do corpo feminino*. Dourados, MS:UFGD, 2014.

CHANTER, Tina. *Gênero: Conceitos-chave em Filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FÁVERO, Maria Helena. *Psicologia do Gênero: Psicobiografia, sociocultura e transformações*. Curitiba: UFPR, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro- 11ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. In: *Revista do Instituto de Estudos*. N° 28, 1988.

LIMA, Nazaré Maria; SOUZA, de Florentina. *Literatura Afro-brasileira*. Centro de Estudos Afro-Orientais: Fundação Cultural Palmares, 2006.

MIGNOLO, Walter. *La Razón Postcolonial: Herencias Coloniales y Teorías Postcoloniales*. Niterói, n. 1, p. 7-29, 2. Sem. 1996.

_____. *Histórias locais- Projetos Globais: Colonialidade, Saberes subalternos e pensamento liminar* - Ed.: UFMG, 2003.

SAID, Edward, W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg.- São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Assunção de Maria Solza e. *Ponciá Vicêncio, memórias do eu rasurado*. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/conceicaocritica07.pdf>> Acesso em: Jun. 2014.

SPIVAK, Chakravorty Gayatri. *Pode o subalterno falar?*. Tradução Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa & André Pereira Feitosa. Editora: UFMG, 2010..

ZOLIN, Lúcia Ozana; BONNICI, Thoimas (Orgs.). *Teoria Literária. Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed.- Maringá: Eduem, 2009.